

Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra*

Eduardo de Assis Duarte**

Oh! Musa de Guiné, cor de azeviche, Empresta-me o cabaço d'urucungo, Ensina-me a brandir tua marimba, Inspira-me a ciência da candimba, As vias me conduz d'alta grandeza

Quero que o mundo me encarando veja, Um retumbante *Orfeu de carapinha*, Que a lira desprezando por mesquinha, Ao som decanta da Marimba Augusta. Luiz Gama

sopre Exu teu hálito
no fundo da minha garganta
lá onde brota o
botão da voz para
que o botão desabroche
se abrindo na flor do
meu falar antigo
por tua força devolvido

Abdias Nascimento 1981

Preliminares

Pode o negro falar? Expressar seu ser e existir negros em prosa ou verso? Publicar?

Nem sempre.

Sobretudo no passado: falar de sua condição de escravizado, ou de homem livre na sociedade escravocrata, levantar sua voz contra a barbárie do cativeiro; ou, já no século XX, enquanto sujeito dolorosamente integrado ao regime do trabalho assalariado; ou excluído e submetido às amarras do preconceito, com suas mordaças. Apesar de tudo, muitos falaram, escreveram, publicaram. E não só no Brasil; não só nos países que receberam corpos prisioneiros e mentes "cheinhas de inteligência", como podemos ler no "Navio Negreiro", de Solano Trindade.

Viradas as páginas dos séculos, continuam a falar, escrever, publicar. Ao percorrermos os arquivos da literatura brasileira canônica – e seus suplementos –, encontramos o negro não só como raro tema da escrita do branco, mas como voz/vozes voltadas para a expressão de seu ser e existir. Mesmo quando fazem do branco o objeto de sua fala. No entanto, o que restou desses escritos em nossa memória de país multiétnico e miscigenado?

No gesto ousado da construção literária, os afro-brasileiros nunca foram voz isolada. Se tivemos, há século e meio atrás, o "Orfeu de Carapinha", Luiz Gama a assumir sua afrodescendência e invocar a "musa de azeviche", ou a fala corajosa de

^{*} In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org). *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: SEPPIR, 2014, vol. 1, Precursores, p. 13-48.



Maria Firmina dos Reis – a narrar o drama de seus irmãos de cor em pleno Maranhão senhorial –, vozes outras já se inscreviam em papel impresso mundo afora para iniciar uma tradição que chega aos dias de hoje. O veio documental presente em *Úrsula* (1859), e mal disfarçado por entre as franjas da ficção romântica, estava já presente nos versos de Phillis Wheatley, que, em 1773, tornouse a primeira descendente de africanos a publicar poesia em língua inglesa, conforme ensinam seus estudiosos, entre eles Henry Louis Gates Jr. Estava também nos escritos memorialísticos de Olaudah Equiano, publicados em 1789, no alvorecer da revolução liberal-burguesa; na autobiografia de Frederick Douglass, editada em 1845 e razão de sua fuga para a Inglaterra, até que pudesse comprar a alforria e voltar aos Estados Unidos como orador e militante abolicionista; e estava ainda na narrativa de Mahommah Gardo Baquaqua, africano traficado para o Brasil em 1844 e batizado José da Costa, que, após escapar cinematograficamente em Nova lorque, publica sua história em inglês, 10 anos mais tarde.

Os versos e enredos dos precursores explicitam o lento processo de superação da condição desumana a que estavam submetidos justamente pelos povos que proclamavam sua pretensa selvageria inata. Do ímpeto autobiográfico à oratória, ao poema, ao drama, à ficção, o negro sempre falou. E o fez majoritariamente nas línguas dos colonizadores, que aprendeu e, até, rasurou, para emprestar a elas entonações, ritmos, sentidos e, mesmo, vocábulos novos. Dessas falas, por vezes isoladas, à constituição de uma literatura, muitos foram os caminhos e muitas as pedras. Tal processo incluiu a paulatina aquisição do letramento, da escritura, e da cidadania, com o fim da escravização.

Ao longo do século passado, a literatura dos afrodescendentes ganha corpo em inúmeros países. Já nas primeiras décadas, o debate da questão racial se intensifica nos Estados Unidos, a partir do trabalho de intelectuais e ativistas como Booker T. Washington, W. E. B. Du Bois e Marcus Garvey. A construção de imagens afirmativas marca o New Negro Movement, também conhecido como Harlem Renaissance, que aproxima artistas, músicos, escritores e poetas do porte de Langston Hughes, Countee Cullen, Sterling Brown, Claude Mckay, entre outros. O movimento se articula em torno do projeto de combate ao racismo e de valorização da "gente negra", que, de imediato, remete ao poema de Langston Hughes, de 1923: "A noite é bela,/como as faces do meu povo./As estrelas são belas,/como os olhos do meu povo./Belo, também, é o sol,/belas também são as almas do meu povo." A par da linearidade e clareza implícitas aos propósitos que os norteiam, os versos de Hughes recuperam tanto a postura dos escritos diaspóricos de dois séculos anteriores, quanto a milenar tradição dos *griots* africanos: a figuração do poeta como porta-voz, conhecedor das relações entre saber e poder, que fala por si e por sua comunidade. Tais versos apontam ainda para o futuro, antecipam o black is beautiful dos anos de 1960 e seguintes, e anunciam uma tendência que irá se manifestar em praticamente todos os países em que autores negros se puseram a falar de e para sua gente.

Na década de 1930, os poetas da diáspora negra de língua francesa – Aimé Césaire, da Martinica, Léon Damas, da Guiana Francesa, e Léopold Sédar Senghor, do Senegal – se reúnem em Paris para liderarem o movimento da *Négritude*, que

.

¹ Tradução minha. No original: "The night is beautiful,/so the faces of my people./The stars are beautiful,/so the eyes of my people./Beautiful, also, is the Sun./Beautiful, also, are the souls of my people."



atravessa as décadas seguintes agregando nomes como o do haitiano René Depestre, entre outros, e faz história no contexto de luta pela emancipação dos países caribenhos e africanos colonizados pela França. Os jovens escritores se apropriam da moda negrista — ou negrofilia — instituída na Europa desde os primeiros passos do cubismo.² E passam a defender um sentido político e afirmativo para os signos da africanidade, muitas vezes diluídos sob o rótulo de "primitivismo" e folclorizados pela metrópole. Apesar das dissensões e polêmicas, a construção pela literatura de uma identidade em que o negro pudesse encontrar uma mirada de positividade e orgulho resulta em obras de relevo, tais como o *Cahier d'un retour au pays natal* (1939), de Césaire, e a *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*, organizada em 1948 por Senghor.

Em 1987, por ocasião da Primeira Conferência Hemisférica dos Povos Negros da Diáspora – Negritude, Etnicidade e Culturas Negras nas Américas, realizada em Miami, Aimé Césaire fez um balanço do movimento do qual foi um dos fundadores. Em seu conhecido *Discurso sobre a negritude*,³ configura o empreendimento como uma "reflexão sobre o destino do homem negro no mundo moderno" e, como tal, "uma das formas de humanismo criadas pela história". Este gesto propicia inicialmente uma "tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade", que se desenvolve numa "atitude proativa e combativa do espírito" contra a "opressão e a desigualdade". Mesmo com as devidas ressalvas, destaca o papel desempenhado pelo movimento ao longo do século:

[...] confesso não ter sempre gostado do termo Negritude, mesmo tendo sido eu, com a cumplicidade de alguns outros, que contribuí para inventá-lo e lançá-lo. Mesmo que eu não o idolatre, ao vê-los todos aqui reunidos e vindos de países diversos, eu me conformo que ele corresponde a uma realidade evidente e, sem dúvida, a uma necessidade profunda inegável.⁴

O poeta acusa em seguida o etnocentrismo do "sistema mundial de cultura" e o "reducionismo europeu" como responsáveis pelos preconceitos e hierarquias que inferiorizam o negro, e por reduzirem a "noção de universal" às suas "próprias dimensões, isto é, pensar o universal a partir dos seus postulados e a partir de suas próprias categorias."⁵

Ainda nos anos de 1930, Nicolás Guillén lidera a renovação da poesia cubana ao incorporar a herança africana presente no imaginário popular e expressa pela via da oralidade. O poeta proclama-se "hijo de América/hijo de ti y de África/esclavo ayer de mayorales blancos dueños de látigos coléricos;/hoy esclavo de rojos yanquis azucareros y voraces." No entanto, o projeto de Guillén não é fazer literatura negra ou figurar como arauto da *Négritude*, posturas incompatíveis com sua adesão ao

² É conhecida a incorporação da temática – e da estética – africanas por artistas das vanguardas europeias do início do século XX, entre eles Picasso e Braque, em paralelo ao surgimento dos escritos de Freud, Lévy-Bruhl, Léo Frobenius e outros. Em artigo de 1912, Guillaume Apollinaire respalda essa herança e sua importância para os novos rumos da arte ao sentenciar que "l'intèrêt qu'excite l'art nègre se développe chaque jour" (1998, p. 10). Em 1921, é a vez de Blaise Cendrars publicar em Paris sua *Anthologie nègre*, reunindo amostras de literatura oral colhidas no continente.

³ CÉSAIRE, 2010, p. 103-110.

⁴ CÉSAIRE, 2010, p. 103.

⁵ CÉSAIRE, 2010, p. 106.

⁶ GUILLÉN, 1986, p. 17.



marxismo e ao movimento comunista internacional.⁷ Apesar disso, sua *Cubanía*, ao buscar uma expressão nacional fruto das heranças africana e europeia, é mais uma voz no coro internacional dos afrodescendentes.

Este coro passa também pelo chamado *Indigenismo* haitiano, marca presença em outros países caribenhos e, de modo um tanto informal, se manifesta também no Brasil pelas vozes de Nascimento Moraes, Lino Guedes, Bruno de Menezes, Aloísio Resende, Solano Trindade. Mesmo seguindo formas por vezes distintas de expressão, tais manifestações dialogam com as vozes negras de língua inglesa e francesa, ao valorizarem a multifacetada herança africana, expressa, por exemplo, no louvor a eguns e orixás transplantados para as Américas. Ou, ainda, na presença da memória indelével da escravidão, fenômeno histórico a ser superado – mas não esquecido –, como nos lembram os versos do paulista Lino Guedes publicados em 1936: "Negro preto cor da noite/nunca te esqueças do açoite/que cruciou tua raça./Em nome dela somente/faze com que nossa gente/um dia gente se faça!".

Por sua vez, Jean-Paul Sartre, no antológico "Orfeu negro", prefácio à coletânea organizada por Senghor em 1948, enfatiza as motivações históricas e políticas que aproximam tais vozes. O filósofo também exalta a poesia negra como "tomada de consciência" da condição de sujeito oprimido pela cor, algo inexorável a fomentar o preconceito, e fenômeno a que nem os judeus do holocausto foram submetidos. Após destacar o "duplo exílio" vivido pelo negro — do "corpo" e do "coração" —, classifica sua poesia como "funcional" e, mesmo, "evangélica", a anunciar a "boa nova" da "negritude reencontrada". Sartre vê tais poetas como "vates", "meio profetas, meio guerrilheiros", no propósito de ser ao mesmo tempo "farol e espelho, arauto que arrancará a negritude de si para anunciá-la ao mundo". As imagens do farol e do espelho remetem à figura do escritor militante difundida pelo movimento comunista internacional desde a Revolução de 1917. O texto sartreano exibe outras marcas de afinidade com tal ponto de vista, a ponto de, ao final, sugerir algo como uma "universalização" da negritude com sua incorporação à luta do proletariado mundial.

É perante esta tradição aqui rapidamente esboçada que se postam as vozes dos autores brasileiros afrodescendentes, em diálogo, muitas vezes imprevisto, com seus pares de outras terras e idiomas, apesar de nem todos assumirem ou explicitarem o papel de "evangelistas". O próprio Sartre reconhece na antologia de Senghor a existência de modos distintos de expressão, ente eles: a "negritude objetiva" dos "poemas-tantãs" e da apresentação de "costumes, artes, cantos e danças", assim como das "formas tradicionais da poesia negra"; e a "negritude subjetiva", manifesta como "ato de determinação interior" e "atitude afetiva com relação ao mundo", o pela qual os temas da dor, do sofrimento, assim como da erotização da natureza, se manifestam. Essa diversidade faz-se presente também na produção afro-brasileira. Ora exasperadas, ríspidas; ora sutis, irônicas; ora ternas e cheias de esperança, as falas do negro dão vida à presente antologia.

A principal motivação dos pesquisadores nela envolvidos nasce da necessidade de ampliar a visibilidade e aprofundar a reflexão a respeito da escritura

⁹ SARTRE, 1963, p. 104.

⁷ Ver, a propósito, depoimento do poeta publicado na edição brasileira de *Sôngoro Cosongo e outros poemas*, p. 19-42.

³ SARTRE, 1963, p. 9.

¹⁰ SARTRE, 1963, p. 111.



dos afro-brasileiros no passado e no presente. A omissão da maioria desses autores é comum nas obras de crítica e historiografia literárias, responsáveis pela institucionalização do cânone. Uma consulta, pequena que seja, revela a ausência de nomes como os dos citados Luiz Gama ou Solano Trindade na maioria dos manuais de história da literatura brasileira. Doutra parte, quando inseridos, prevalece um olhar formalista propenso a isolar o texto da situação histórica e social que envolve a sua produção e, até mesmo, a tendência em considerar tais escritores como alienados quanto à condição de descendentes de africanos. Os maiores exemplos desse processo de embranquecimento talvez estejam na forma pela qual, em vários momentos, são lidos Machado de Assis e Cruz e Sousa. Passados mais de 100 anos da morte de Machado, há ainda intelectuais brasileiros que o consideram não somente um escritor branco, mas também um cidadão omisso enquanto sujeito étnico, e se inquietam quando estudiosos estrangeiros, a exemplo de Degler (1971) ou Bloom (2003), se referem ao autor como afro-brasileiro.

Num país onde mais da metade da população é descendente de africanos, e que fala uma língua distinta da matriz portuguesa devido, sobretudo, às inumeráveis contribuições trazidas dos idiomas africanos, a literatura proveniente desse segmento da população passa quase sempre por algo restrito à oralidade, por artisticamente inexpressivo e até por inexistente. Tal situação se prolonga por décadas seguidas e requisita trabalhos com vistas a, no mínimo, relativizar tais interpretações e julgamentos.

Um aspecto importante revelado pela pesquisa diz respeito às formas distintas de relacionamento autoral com a afrodescendência, logo, com o passado e a memória, mas igualmente com as condições vivenciadas no presente de cada um desses escritores. A expressão de pertença ao segmento social discriminado nem sempre se explicita à primeira vista. Pode surgir por entre a bruma da ironia ou pela incidência de um tema, procedimento, ou mesmo reiteração de determinadas imagens. A inscrição de uma perspectiva, de um olhar específico a partir do qual o sujeito avalia o mundo que o cerca e sobre ele se posiciona, nem sempre surge com a contundência com que Luiz Gama assume sua afrodescendência em 1859. Muitas vezes adota a mesma dissimulação com que as elites quase sempre traduzem seu preconceito em "tolerância", sob o manto eficiente senão da "cordialidade", certamente do conformismo inoculado nos subalternos a fim de encobrir as raízes da desigualdade.

Nesse ponto, vale recorrer mais uma vez às reflexões de Sartre:

O heraldo da alma negra passou pelas escolas brancas, segundo a lei de bronze que recusa ao oprimido todas as armas que ele próprio não haja roubado ao opressor; é ao choque da cultura branca que sua negritude passou da existência imediata ao estado refletido.¹¹

E acrescenta: "A alma negra é uma África da qual o preto está exilado no meio dos frios *buildings* da cultura e da técnica brancas." 12

De fato, essa cultura e essa técnica vão por muito tempo inibir uma maior explicitação do ponto de vista afro-identificado em nossas letras. Na primeira metade do século XX, sobretudo nas décadas de 1930 e 1940, parcela significativa da

¹¹ SARTRE, 1963, p. 96.

¹² SARTRE, 1963, p. 97.



intelligentzia brasileira abraça o eugenismo então revigorado pelo discurso nazifascista, que sobrevive mesmo após o fim da guerra e a ampla divulgação do holocausto. Tome-se, a título de exemplo, a pregação de Paulo Duarte, destacado intelectual paulista da época e um dos fundadores da USP. Em 1947, Duarte publica no *Estado de S.Paulo* o artigo "O negro do Brasil", no qual verbaliza um pensamento arraigado em grande parte das elites daquele tempo:

Uma coisa porém existe e existirá com absoluta nitidez: a deliberação marcada pelo consenso unânime dos brasileiros lúcidos: *o Brasil quer ser um país branco e não um país negro*. Não vem aqui agora o estudo ou a pesquisa destinada a saber se o negro é intelectual ou moralmente inferior ao branco, ou ao índio, se o branco ou o índio são menos primitivos ou mais adiantados do que o negro. *O que prevalece é a decisão brasileira de ser um país branco e mais nada*. E este propósito, sólido, inabalável, existe, é a realidade. Ora, assim sendo, há duas maneiras, para os países brancos, que receberam um contingente grande de negros, de conservarem-se brancos. Ou têm que adotar o método cruel e desumano, sociologicamente mais perigoso, da segregação completa dos negros, meio escolhido pelos Estados Unidos; ou o método, embora mais lento, preferido pelos latinos, em geral, mais humano, mais inteligente, embora moralmente mais perigoso durante o período de transição, isto é, a fase mais ou menos prolongada, da *eliminação do elemento negro pela miscigenação*. ¹³

Faz-se necessário destacar que tal pregação não foi difundida por um pasquim qualquer de província. Embora remeta ao pensamento vigente nos grotões "semifeudais" (para ficarmos num termo corrente à época nos escritos marxistas) do interior brasileiro, veio a público num dos mais importantes órgãos de imprensa do Estado mais rico e desenvolvido do país. Ao final, o polemista reclama dos espaços urbanos ocupados pelo que chama pejorativamente de "negrada", figuras para ele bem distantes do "tipo tradicional de negro bom" e da "velha empregada negra" sucessora da escrava doméstica. Paulo Duarte ironiza ainda a "pequena sociologia do Nordeste", liderada por Gilberto Freyre, com seu "romantismo mestiço". A postura racista, presente nos meios de comunicação e nos principais espaços de reflexão acadêmica, fez com que lideranças da intelectualidade afro-brasileira de então, como Abdias Nascimento, Guerreiro Ramos e outros chegassem a vislumbrar na tese da "democracia racial" um mal menor e, mesmo, um escudo contra o racismo.

Por sua vez, a sociologia de Gilberto Freyre e Arthur Ramos tira partido de certo quadro de discriminação camuflada vivida no Brasil desde a Abolição – em que sobressaem explicações como a da "mestiçagem espontânea" e da "democracia racial" – a fim de propor a tese de uma nação tolerante, pacífica e receptiva ao Outro, mesmo se "escuro" ou "de cor". Tal pensamento termina por entronizar uma espécie de "raça brasileira", na qual ninguém é branco, negro ou indígena, mas integrante de uma *essência mestiça* em que todos se igualam sob o manto protetor da "mãe gentil" – terra pródiga e pátria acolhedora, útero e abrigo para quantos a procuram. Vejamos, a propósito, a afirmação de Freyre publicada justamente no jornal *Quilombo*, em seu número de estreia, em dezembro de 1948:

Entre nós, os indivíduos de evidente origem africana não se sentem "africanos" ou "negros", mas brasileiros: tão brasileiros quanto os mais puros descendentes de índios; tão brasileiros quanto os filhos de portugueses. (...)

¹³ Apud GUIMARÃES, p. 47, grifos nossos.



Devemos estar vigilantes, os brasileiros de qualquer origem, sangue ou cor, contra qualquer tentativa que hoje se esboce no sentido de separar, no Brasil, "brancos" de "africanos"; ou "europeus" de "vermelhos", de "pardos" ou de "amarelos", como se o descendente de africano devesse se comportar aqui como um neoafricano diante de inimigos, e o descendente de europeus como um neoeuropeu civilizado diante de bárbaros. 14

O trecho é revelador do empenho em cristalizar a noção de pátria como instância mítica de apagamento das diferenças. O sociólogo, à época deputado federal por Pernambuco, apoia-se no reconhecimento obtido por sua obra desde a década anterior para prosseguir com a pregação do discurso mais tarde caracterizado como luso-tropicalista. E se vale das páginas do recém-fundado órgão da intelectualidade afro-brasileira, dirigido por Abdias Nascimento, para insistir em sua tese. No entanto, esta é relativizada e, mesmo, desmentida pelo noticiário, tanto do próprio Quilombo, quanto de outros órgãos de imprensa da época, a exemplo do artigo de Paulo Duarte vindo a público no ano anterior. Seu pensamento conflui com a doxa colonial, a prescrever o apagamento de toda memória do passado como forma de ocultar seus vestígios no presente. Discurso ideológico por excelência, se, por um lado, combate a intolerância e o racismo, por outro, busca instituir o mito do paraíso mestiço, onde descendentes de nativos, africanos e europeus, desprovidos todos de contato com a história de opressão vivida por seus ancestrais. compartilhariam fraternos a democracia racial – exemplo e contribuição brasileira ao futuro da humanidade.

Não se pode esquecer que estas são falas datadas da metade do século XX, tanto a de Duarte quanto a de Freyre. Século que, àquela altura, já havia experimentado a apropriação europeia de formas estéticas africanas; assistido à *Harlem Renaiscense* dos anos de 1920 nos Estados Unidos, à *Négritude* francófona dos anos de 1930 e seguintes, e a inúmeras outras manifestações culturais de valorização da afrodescendência, a exemplo do próprio Teatro Experimental do Negro – o TEN –, criado no Brasil anos antes sob a liderança de Abdias Nascimento. Mais tarde, virá do próprio Abdias o esforço contínuo de questionamento do mito freyriano, seja pela teorização do *Quilombismo* enquanto proposta para o futuro do Brasil a partir de uma perspectiva afrodescendente, seja pela denúncia constante do "genocídio do negro brasileiro" em fóruns nacionais e internacionais.

O pensamento racista e eugenista abranda seu furor e se recolhe com o passar do tempo e o avanço da modernização capitalista. Já o discurso da brasilidade mestiça e tolerante evolui de peça retórica a verdade incrustada no senso comum e cumpre seu papel num cotidiano de silenciosa hegemonia dos valores brancos, ocidentais e cristãos que perdura até o presente. Em seu livro *De Isabel a Euclides* (1986), Alaôr Eduardo Scisínio – professor, jurista e poeta bissexto identificado à Geração de 45 –, aproveita um momento de saudação ao músico Candeia para proferir uma reveladora autocrítica. O autor comenta sua produção em verso e fala da passagem de uma "poesia plasmada na cultura ocidental", ¹⁵ que até então adotara, para os "gritos" que se fazem presentes em seu livro *Um sertão diferente* (1983). O livro assume a oralidade estropiada da fala popular para discorrer sobre a vida e a cultura dos trabalhadores rurais brasileiros. A adoção de

¹⁴ FREYRE, 1948, p. 8.

¹⁵ SCISÍNIO, 1986, p. 59.



um registro chamado pelo prefaciador de "caçanje" tem para Scisínio o sentido de desrecalque e libertação frente à educação que recebeu e aos livros "indicados pelos brancos". O autor prossegue, agradecendo

o ensejo dessa tomada de posição em prol da negritude, que não cheguei a trair neste meio século de vida, mas que também não assumi, decididamente, ora empurrado pela educação ocidentalizada, ora amedrontado pela miséria que me parecia sempre mais próxima do negro, ora acovardado pelo racismo que não nos queria franquear as portas que se abrem para os esplendores da vida, ora oscilando entre duas origens remotas: a portuguesa e a negra, e sempre ameaçado pela estrutura socioeconômica elitizada que só oferecia trégua aos que se branqueavam, ocupando os seus espaços.¹⁷

Ao partir da própria experiência, a fala do jurista fluminense refuta o discurso da tolerância, trata as relações interétnicas no Brasil como *problema* e resume os dilemas enfrentados por muitos de seus semelhantes quando postos frente ao desafio da ascensão social. A confissão de Scisínio impressiona pela contundência e nos remete às biografias de Machado, Firmina, Cruz e Sousa, Lima Barreto e tantos outros encurralados entre a assunção e o recalque da afrodescendência. Embora tenham sido extintas desde a Independência as restrições legais fundadas na diferença étnica, o fato é que, mesmo depois da Abolição, a cor escura continuou em muitas instâncias da vida social brasileira a ser encarada como "defeito". Algo como um tabu cercado às vezes de silêncio, nem sempre constrangedor, em meio ao pensamento hegemônico traduzido numa "branquitude" tão onipresente quanto naturalizada a ponto de se tornar imperceptível, conforme reflexão de Liv Sovik:

A branquitude é *atributo* de quem ocupa lugar social no alto da pirâmide, é uma *prática social* e o exercício de uma *função* que reforça e reproduz instituições, é um *lugar de fala* para o qual uma certa aparência é condição suficiente. A branquitude mantém uma relação complexa com a cor da pele, formato de nariz e tipo de cabelo. Complexa porque ser mais ou menos branco não depende simplesmente da genética, mas do *estatuto social*. Brancos brasileiros são brancos nas relações sociais cotidianas: é na prática – é a prática que conta – que são brancos. A branquitude é um *ideal estético* herdado do passado e faz parte do teatro de fantasias da cultura do entretenimento.¹⁸

A reflexão de Sovik detecta no eurocentrismo oriundo do pensamento renascentista a fonte para o estabelecimento (e não apenas no Brasil) de um "sistema de valores" cujo valor maior "se realiza na hierarquia e na desvalorização do ser negro, mesmo quando 'raça' não é mencionada". Sistema esse, pode-se acrescentar, que ora escancara seu racismo, ora se refugia comodamente por trás da mestiçagem e da noção esquiva de que no Brasil "ninguém é branco". E que prossegue incólume na assunção (e imposição) dos padrões sociais, morais e estéticos difundidos *ad aeternun* pelo discurso eurocêntrico. A ponto de Nelson Rodrigues, ao refletir sobre a "solidão negra", deixar para a posteridade uma de suas assertivas mais antológicas: "eis o que aprendi no Brasil: – aqui o branco não gosta do preto; e o preto também não gosta do preto".

¹⁷ SCISÍNIO, 1986, p. 51-52.

¹⁶ SCISÍNIO, 1986, p. 9.

¹⁸ SOVIK, 2009, p. 50, grifos nossos.

¹⁹ SOVIK, 2009, p. 50.



Mas o mundo gira. E novas vozes vão se juntar ao coro da afrodescendência.

Nas décadas de 1960 e 1970, enquanto o Ocidente vivia a "revolução sexual" e os Estados Unidos assistiam à vitória da luta pelos direitos civis dos marginalizados pelo racismo, nos países africanos de colonização portuguesa, o ímpeto de afirmação étnica e cultural se mescla ao grito pela independência política. Nesse contexto, mais do que nunca a literatura se faz "canto armado", como bem caracteriza o angolano Mário Pinto de Andrade em suas antologias de 1976 e 1979. E surgem nomes como o de Agostinho Neto, ícone de toda uma geração de poetas revolucionários, a ver seus textos transformados em hino e a ocupar o poder após a derrota dos colonizadores. O canto negro atravessa as vozes da diáspora reunindoas numa corrente que leva os apelos afro-americanos de dor e esperança condensados no refrão let my people go a desembarcarem em Moçambique e navegarem nos versos de Noêmia de Souza, da mesma forma que chegam ao Brasil e se mesclam à poesia do gaúcho Oliveira Silveira. Em seu prefácio, Andrade retoma a herança poética dos griots para inserir a figura do poeta-guerrilheiro dentro da "tradição literária da resistência africana". 20 Com efeito, a imagem da "noite grávida de punhais" sintetiza a utilização do discurso poético como apelo ao engajamento do leitor e do ouvinte na luta anticolonialista.

A nova "onda negra" se faz cada vez mais consistente. Ao longo das décadas de 1960 e seguintes, cresce a articulação pan-africanista e multiplicam-se os eventos internacionais em defesa das culturas de matiz africano e de combate ao racismo: Senegal, 1966; Tanzânia, 1974; Nigéria e Colômbia, 1977; Panamá, 1980; São Paulo, 1982; Costa Rica, 1983, entre outros. Nesse contexto, ganha relevo histórico o ato público contra o racismo realizado em São Paulo em 7 de julho de 1978, desafiando a repressão imposta pela ditadura militar. Com a presença de Abdias Nascimento e demais lideranças, funda-se o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, mais tarde MNU, passo importante para a abertura política que então se iniciava e para a rearticulação das vozes afrodescendentes de nossa literatura, até então restritas a esparsas publicações individuais.

Poetas e ficcionistas se organizam em coletivos de escritores negros e em grupos como o "Negrícia", do Rio de Janeiro; "Palmares", de Porto Alegre; "Gens", da Bahia; e o "Quilombhoje", de São Paulo, este último em atividade até o presente. É a vez, então, dos poetas paulistas fundadores dos *Cadernos Negros* assinalarem, na abertura do primeiro número, sua solidariedade para com os irmãos do continente de origem, uns em luta pela autonomia política, outros contra o *apartheid* então em vigor na África do Sul:

A África está se libertando! Já dizia Bélsiva, um dos nossos velhos poetas. E nós, brasileiros de origem africana, como estamos? [...]

Cadernos Negros marca passos decisivos para nossa valorização e resulta de nossa vigilância contra as ideias que nos confundem, nos enfraquecem e nos sufocam. [...] Aqui se trata da legítima defesa dos valores do povo negro. A poesia como verdade, testemunha do nosso tempo.

[...]

Cadernos Negros é a viva imagem da África em nosso continente. É a

Diáspora Negra dizendo que sobreviveu e sobreviverá, superando as

²⁰ ANDRADE, 1979, p. 3.



cicatrizes que assinalaram sua dramática trajetória, trazendo em suas mãos o livro.²¹

E acrescenta o prefácio-manifesto: "fazemos da negritude, aqui posta em poesia, parte da luta contra a exploração social em todos os níveis, na qual somos os mais atingidos". A "luta" e a literatura "armada" contra o preconceito são, pois, signos recorrentes em todas as margens do Atlântico Negro. Os signatários fazem questão de destacar a transversalidade espaciotemporal de sua escrita, seja na incorporação de autores afro-brasileiros de outras gerações, seja nas referências às demais vozes negras da África e da diáspora. O tom é, pois, coincidente com os exemplos antes mencionados e permite ao leitor vislumbrar o coro de vozes aproximadas pela condição subalterna, voz coletiva a transcender tanto fronteiras geográficas quanto temporais. Desde então, a série *Cadernos Negros* vem mantendo sua característica original de produção coletiva, alternando a publicação anual de volumes em prosa ou poesia.

Literatura e afrodescendência

Os estudos sobre a presença do negro na literatura brasileira, enquanto temática ou autoria, foram, por um bom tempo, exclusividade de pesquisadores estrangeiros, fato este que só vem comprovar a hegemonia da branquitude no país. Em 1943, surge o livro pioneiro de Roger Bastide, *A poesia afro-brasileira*, que parte da obra de Domingos Caldas Barbosa e de seu contemporâneo Silva Alvarenga para atravessar o século XIX, passando por Gonçalves Dias, Silva Rabelo, Gonçalves Crespo e Luiz Gama. Detém-se em ainda quatro estudos sobre Cruz e Sousa, até chegar ao século XX e tecer suas considerações sobre Lino Guedes e o fenômeno a que o sociólogo denomina "puritanismo do preto". Em 1953, o autor publica *Estudos afro-brasileiros*, em que suas reflexões se ampliam e englobam a imprensa negra das décadas anteriores.

Bastide será, por um bom tempo, voz isolada no meio acadêmico. Nas décadas seguintes, os trabalhos de Sayers (1958, 1983) e Rabassa (1965) tratam do negro na literatura brasileira apenas na condição de tema, e não enquanto voz autoral. Obviamente, isso os coloca num outro plano, distante da proposta de Bastide, cujo empenho crítico está centrado no texto afro-brasileiro para buscar elementos de uma africanidade ou afro-brasilidade dissimuladas sob as formas provenientes da literatura ocidental.²⁴ Outros trabalhos de relevo acompanham a estratégia de Sayers e Rabassa: o livro de Teófilo de Queiroz Júnior (1975) sobre o estereótipo da mulata na literatura brasileira; o de Benedita Gouveia Damasceno (1988), voltado para a leitura do "negrismo".²⁵ dos modernistas, embora a autora trate

²⁴ Logo após a publicação do livro de Rabassa no Brasil, é lançada na Europa a antologia organizada por Lilyan Kesteloot (1967), que aborda autores americanos, africanos e das Antilhas, mas deixa de fora os afro-brasileiros.

²¹ CADERNOS NEGROS 1, 1978, p. 2-3.

²² CADERNOS NEGROS 1, 1978, p. 2-3.

²³ BASTIDE, 1943, p. 148.

²⁵ Valemo-nos aqui das reflexões de Jorge Schwartz: "o negrismo, enquanto tema da vanguarda, constitui um repertório importado, desvinculado de uma realidade vivenciada. Trata-se de um discurso plástico produzido por uma elite artística branca e europeia que incorpora uma temática negra para divulgá-la junto a um público também branco, em geral pertencente ao mesmo grupo de elite cultural. Por tudo isso, as manifestações artísticas europeias inspiradas no negrismo, embora tenham revolucionado a arte moderna, não são uma tendência ideológica de fundo liberacionista."



o fenômeno como "poesia negra"; o de Jean Marcel Carvalho França (1998), abordando as imagens do negro em nossa literatura canônica; e o precioso estudo de Heloisa Toller Gomes a propósito da representação do negro no romantismo brasileiro (1988), que analisa também as obras de Luiz Gama e José do Patrocínio. A essas importantes contribuições somam-se os ensaios seminais de Moema Parente Augel, infelizmente ainda dispersos em periódicos de circulação restrita ou publicações coletivas. E faz-se mister ressaltar o pioneiro ensaio de Domício Proença Filho, "O negro e a literatura brasileira", publicado inicialmente em 1988.

Nas últimas décadas do século e a partir do ano 2000, amplia-se o interesse pela literatura dos afrodescendentes, a nosso ver correlato ao fortalecimento do Movimento Negro e à emergência do revisionismo crítico, oriundo da chamada "crise dos paradigmas" nas ciências humanas e de seus reflexos nos estudos literários. David Brookshaw (1983) aborda a representação estereotipada dos negros na literatura canônica, mas os analisa também enquanto autores, chegando a subdividilos em três grandes grupos. Já os trabalhos de Zilá Bernd (1987, 1988 e 1992) vão mais longe e tratam da literatura negra, brasileira e caribenha, enquanto texto em que um sujeito de enunciação se quer e se apresenta como negro. No propósito de delinear criticamente as várias facetas dessa produção, surgem os estudos fundamentais de Oswaldo de Camargo (1987), Luiza Lobo (1993, 2007) e Leda Maria Martins (1995); as coletâneas críticas organizadas por Maria Nazareth Soares Fonseca (2000 e 2002), por Niyi Afolabi, Márcio Barbosa e Esmeralda Ribeiro (2007) e por Edimilson de Almeida Pereira (2010); e os volumes ensaísticos do próprio Edimilson de Almeida Pereira (2007), Florentina da Silva Souza (2005), Jônatas Conceição da Silva (2004), Miriam Alves (2010) e Cuti (2009, 2010), pseudônimo de Luiz Silva, um dos fundadores do Quilombhoje. Destaque-se ainda o volume teórico e historiográfico organizado por Florentina Souza e Maria Nazaré Lima (2006); o ensaio crítico de Patrícia Weis-Bomfim (2000) publicado na Alemanha; o livro de Emanuelle Oliveira (2008) editado nos Estados Unidos: as obras enciclopédicas de Eduardo de Oliveira (1998), Nei Lopes (2004 e 2007) e Lícia Soares de Souza (2009); o ensaio biográfico de Maria Lúcia de Barros Mott (1989); e os estudos comparados de Maria Aparecida Salgueiro (2004) e de Suelv Meira Liebig (2003 e 2010). Cumpre destacar ainda a obra *A mão afro-brasileira*, organizada por Emanoel Araujo em 1988 e reeditada em 2010. Embora voltada predominantemente para as artes plásticas, contempla também poetas e ficcionistas. A fim de completar a enumeração, acrescentamos nossas publicações de 2005 e 2007, bem como a extensa pesquisa levada a cabo por Regina Dalcastagnè sobre os personagens negros do romance brasileiro contemporâneo (2009). Além desses estudos, somamse dissertações e teses acadêmicas, mais numerosas a partir de 2000, bem como uma gama de artigos e ensaios publicados em livros ou periódicos, porém de circulação restrita quase que exclusivamente ao meio acadêmico.²⁶ Como se pode constatar, foram necessários mais de 40 anos após o livro inaugural de Bastide para que a literatura dos afrodescendentes ganhasse uma recepção crítica consistente, todavia ainda aguém do necessário, a nosso ver, frente à diversidade que marca essa produção.

^{(1995,} p. 580) O crítico arremata incluindo Raul Bopp, Jorge de Lima e Mário de Andrade na corrente da "poesia negrista brasileira" (1995, p. 583-585).

Neste campo, destacam-se, entre outros, trabalhos dos brasilianistas Richard A. Preto-Rodas (1970), Jane M. Mc. Divitt (1976), James H. Kennedy (1988) e Steven White (1997, 1999).



Nesse conjunto, é preciso enfatizar a produção ensaística oriunda dos próprios escritores negros, em especial aqueles reunidos em torno do Quilombhoje. Além dos trabalhos já citados de Oswaldo de Camargo, Edimilson de Almeida Pereira, Cuti e Jônatas Conceição, há três volumes coletivos da maior relevância: *Reflexões sobre literatura afro-brasileira*, de 1985, reunindo oito artigos; *Criação crioula, nu elefante branco*, de 1986, com 20 artigos; e *Cadernos Negros: três décadas*, de 2008. Os dois primeiros contêm ensaios apresentados no I e II Encontro Nacional de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros. Já o último reúne ensaios, poemas, contos e uma coletânea de textos opinativos sobre a série, que então comemorava seu trigésimo número. De Bastide aos contemporâneos, esse conjunto de ensaios críticos forma hoje uma bibliografia fundamental para os estudos sobre a literatura negra ou afro-brasileira e foi de crucial importância para a elaboração desta antologia.

No tocante às publicações coletivas em prosa ou poesia, o fenômeno se repete, porém com mais gravidade. Somente a partir de 1978, quando surgem os *Cadernos Negros* em edição regular, o público passa a ter um pouco mais de acesso a esses autores, até então dispersos em produções alternativas ou desarticuladas enquanto movimento literário. No entanto, as antologias até agora publicadas, quase todas fora de circulação e só encontráveis em sebos ou bibliotecas, restringem-se majoritariamente à poesia, notando-se o predomínio de autores contemporâneos, ou da segunda metade do século XX em diante. Estão neste caso os 17 números de poesia dos *Cadernos Negros*, publicados entre 1978 e 2010, a coletânea *Cadernos Negros: os melhores poemas* (1998), as antologias organizadas por Paulo Colina (1982), Edu Omo Oguiam (1982), Oswaldo de Camargo (1986 e 1987), Zilá Bernd (1992), Jônatas Conceição e Lindinalva Barbosa (1999 e 2000) e, ainda, a recolha feita por Luiz Carlos dos Santos, Maria Galas e Ulisses Tavares (2005). Mais recentemente foi lançada a coletânea organizada por Marciano Ventura Fourny (2008), reunindo prosa e poesia de jovens autores.

Por outro lado, iniciativas voltadas para a ficção, em geral vieram a público em edições reduzidas, bancadas pelos próprios autores, ou que não contemplam escritores do passado ou, ainda, restritas ao negro enquanto tema. Além dos 16 volumes de contos dos *Cadernos Negros*, de 1979 a 2009, também a obra *Cadernos Negros: os melhores contos* (1998), de iniciativa do grupo Quilombhoje, possui, como os demais volumes da série, circulação bastante limitada. Já a antologia organizada por Fernanda Felisberto (2004) está centrada em escritores contemporâneos, e a coletânea de Luiz Ruffato (2009) baseia-se em critério temático e inclui textos da tradição canônica. Em praticamente todas essas iniciativas, predomina um número pequeno de autores, raramente superior a 20 nomes, o que limita sua abrangência. ²⁷

A pesquisa encontrou fundamento na constatação da insuficiência da bibliografia existente e da necessidade de se ampliar o *corpus* até então estabelecido. Mas, sobretudo, empenhou-se em mapear a diversidade dos modos de operação discursiva, vitais para o estabelecimento de vínculos e rupturas, pontos de contato e dissonâncias. De fato, a situação atual dos estudos literários nesse

²⁷ Lembramos ainda as coletâneas publicadas no exterior, seja em tradução, seja em edições bilíngues. Tomam vulto nesse contexto as edições organizadas na Alemanha por Moema Parente Augel, em poesia (1988) e prosa (1993); nos Estados Unidos, por Steven White, no número especial da revista Callaloo (1997); por Miriam Alves e Carolyn R. Durham (1995, poesia); e na Inglaterra, por Miriam Alves e Maria Helena Lima (2005, contos).



campo aponta para a necessidade de adensamento da recepção crítica dessa produção, em especial no momento presente, que demanda a inclusão dos estudos afro-brasileiros nos currículos escolares de todo o país, por exigência da Lei nº 10.639/2003. Tal necessidade envolve ainda a inexistência de uma história específica dessas manifestações, apenas esboçada no livro de Bastide. O efeito mais visível dessa rarefação crítica e historiográfica manifesta-se no desconhecimento público daí decorrente, que vitima a maior parte dos autores em questão.

A antologia

Configurado o objeto, demos início ao levantamento e ao estudo desses escritores, num trabalho pautado pelo propósito de resgate e revisão historiográfica e crítica. Com este objetivo, partimos para uma atuação em rede, envolvendo todas as regiões do país, e cobrindo acervos disponíveis em bibliotecas, núcleos de pesquisa, centros de documentação, livrarias e sebos. O resultado inicial revelou um conjunto de mais de 250 nomes, a maioria com publicações intermitentes ou limitadas a obras coletivas. De fato, prevalece nas últimas décadas do século XX uma significativa tendência comunitarista derivada da atuação do Movimento Negro, cujo maior exemplo é a série *Cadernos Negros*, que reúne autores de diferentes gerações e de diversas regiões do país. Para além do sentido político implícito ao gesto, a opção pela edição compartilhada objetivava também driblar as dificuldades encontradas para a inserção desses autores no circuito das editoras comerciais. Mesmo assim, nomes como Cuti e Conceição Evaristo, dentre outros revelados pela série, ganham espaço no mercado para obras individuais, inclusive com tiragens expressivas e traduções bem-sucedidas no exterior.

Desde o mapeamento inicial, tomamos como pressuposto o entendimento do conceito de *afrodescendência* muito mais como *construção identitária*, no sentido em que a questão das identidades é trabalhada pelo pensamento contemporâneo – Bhabha, Spivak, Said, Hall e outros –, do que no âmbito da descendência racial e biológica, cristalizada no senso comum desde o cientificismo do século XIX. A questão propriamente racial, que proclama a inexorabilidade dos "laços de sangue", recebe a necessária contrapartida representada pelas reflexões em torno da etnicidade e do pertencimento cultural. Desse modo, a pesquisa agrega o embasamento oriundo da crítica cultural aos instrumentos da crítica literária, a fim de melhor fundamentar a análise de seu objeto.

Nesse contexto, verificou-se a existência de um grande número de escritores que explicita e celebra seus vínculos étnicos e culturais com a herança africana, em sua maioria homens e mulheres do século XX. Como também foi registrada a presença daqueles para os quais tais vínculos se expressam pela angústia, pelo silêncio ou pela insinuação, procedimentos mais visíveis entre autores e autoras do século XIX. O propósito central foi o de investigar nesses textos as marcas discursivas que indicam a expressão de vínculos com as tradições herdadas do continente africano e com os modos de vida e de cultura dos afro-brasileiros.

Como é sabido, antologizar significa reunir, mas também excluir, pois toda escolha traz consigo esse ônus. Para a presente edição, tivemos que optar pela inclusão apenas de escritores com publicação individual, num total de 100 nomes, dado o volume adquirido pelo empreendimento. Pertencem eles a tempos e espaços distintos da experiência diaspórica e expressam formas diversas de configuração literária da afrodescendência no Brasil. No conjunto, autores canônicos como Cruz e



Sousa, Lima Barreto ou Machado de Assis fazem companhia a um grande número de escritores menos conhecidos, apesar de a maioria deles ter mais de um livro publicado. Mesmo assim, detentores de obras individuais de relevo estão aqui ausentes e por vários motivos. Dentre os vivos, há aqueles que não aceitam a vinculação de sua obra ao universo cultural afrodescendente por julgarem que seus escritos transcendem tal identificação. Outros estão restritos a edições regionais de parca circulação, que não foram localizadas, por maior que fosse o empenho dos pesquisadores. Dentre os falecidos com obras ainda fora do domínio público, algumas ausências se justificam pela impossibilidade de contato com herdeiros ou representantes legais. Como não tivemos a obsessão enciclopédica de incluir todos os escritos e todos os autores afrodescendentes, assinalamos desde já nossa certeza quanto à incompletude da presente publicação, consolando-nos com o fato de que nenhuma antologia objetiva abarcar a totalidade, mas ser apenas uma amostra.

Outro critério estabelecido foi a opção por uma seleta de autores e textos impressos de ficção e poesia. Isso implicou a não inclusão da rica literatura oral – ou oralitura – presente na tradição afro-brasileira de norte a sul do país, assim como da vigorosa poesia que emana do samba e de tantas outras manifestações musicais, chegando ao rap contemporâneo. Nessa linha, está também ausente a literatura de cordel, com poetas negros no porte de Azulão, Inácio da Catingueira e tantos mais, que esperamos poder incluir numa futura edição ampliada.

A opção por ficção e poesia acarretou da mesma forma a ausência de inúmeros ensaístas, intelectuais da relevância de Manoel Querino, Teodoro Sampaio, André Rebouças, Evaristo de Moraes, Guerreiro Ramos, Juliano Moreira, Arlindo Veiga dos Santos, Edison Carneiro, Clóvis Moura, Milton Santos; ou de gramáticos como Hemetério dos Santos e Antenor Nascentes, ou, ainda, de críticos como Ironides Rodrigues, além de jornalistas e militantes do porte de José Correia Leite, um dos esteios da imprensa negra nos anos de 1920 e 1930. Dentre as ensaístas, poderíamos lembrar Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Helena Theodoro, Jurema Werneck, Neusa Santos Souza, Ana Célia da Silva, Nilma Lino Gomes e um sem-número de intelectuais negras contemporâneas. Muitos destes e destas tiveram também seus momentos de tentativas poéticas ou memorialísticas – e talvez o mais sintomático desse caráter bissexto seja o título autoirônico *Musa capenga*, escolhido por Edison Carneiro para seus poemas de juventude. No caso, a contribuição desses autores e autoras situa-se muito mais em seu campo específico de atuação. A relevância que adquiriram entre nós provém desse fato e vai além da inscrição propriamente poética ou ficcional.

Literatura e afrodescendência no Brasil compõe-se de quatro volumes. Os três primeiros apresentam ensaios que contêm, a propósito de cada um dos escritores, informações biográficas e de vida literária, relação de publicações, estudo crítico e referências. Estas enumeram o material efetivamente citado, além de fontes de consulta relevantes sobre o escritor e/ou de embasamento teórico. Em seguida, vêm os excertos da obra escolhidos pelo pesquisador. A ordem de entrada dos autores nos volumes é cronológica e começa pelos mais velhos. Como em toda obra coletiva, a antologia guarda diferenças de estilo entre os textos dos 65 críticos que assinam os ensaios. Apesar de seguirem todos um roteiro preestabelecido, explicitado nos tópicos acima, há nuances construtivas que procuramos respeitar, ressalvadas as normas técnicas que presidem a inserção dos títulos constantes da produção autoral e das referências. Quanto aos excertos, procedeu-se à atualização



da grafia, conforme estipulado pelo acordo ortográfico em vigor, o mesmo ocorrendo com os nomes próprios, em obediência às normas da ABNT. Respeitou-se, no entanto, a vontade autoral no tocante à inscrição de registros próprios à oralidade.

O primeiro volume – *Precursores* – é dedicado aos autores nascidos antes de 1930. Inclui escritos daqueles que, mesmo não assumindo explicitamente um projeto literário afro-brasileiro, apresentam traços discursivos que os situam, em muitos momentos, numa órbita de valores socioculturais distintos dos abraçados pelas elites brancas. E que, de uma forma ou de outra, expressam tais valores transformando-os em linguagem literária. Autores como Machado ou Gonçalves Dias, que pontuam seu olhar sobre a sociedade escravagista condenando-a sob formas as mais ariadas de expressão; ou como Auta de Souza e outros, que, mesmo não explicitando seu pertencimento identitário, trazem na poesia a angústia que revela sua inadequação ao universo em que a palavra *negro* remetia automaticamente ao regime servil.

Por outro lado, fazem-se presentes não só o advogado dos escravos Luiz Gama, com suas sátiras ao mundo branco e europeu, ou o José do Patrocínio ativista da Abolição e autor de retratos pungentes do mundo das senzalas, ou José do Nascimento Moraes, ficcionista atento às mutações da mentalidade escravocrata após o 13 de maio. Destaca-se ainda Maria Firmina dos Reis a trazer, de forma inédita em nossas letras, a visão de mundo dos escravizados, os cenários de liberdade negra na África, bem como as primeiras e chocantes descrições do porão do navio negreiro. A estes se juntam os mais conhecidos Carolina Maria de Jesus e Abdias Nascimento, mas também outros de menor visibilidade, mas não menos significativos: Lino Guedes, Eduardo de Oliveira e Carlos de Assumpção, os dois últimos ainda atuantes junto ao Quilombhoje; e também, duas escritoras do Sul, Antonieta de Barros, educadora e primeira deputada negra da Assembléia catarinense, e Laura Santos, que, em meados do século passado, escandalizou o provincianismo paranaense com versos carregados de paixão e erotismo. No total, o volume apresenta estudos e excertos de 31 escritores.

O segundo volume – *Consolidação* – contempla os nascidos nas décadas de 1930 e 1940, marco histórico de múltiplos sentidos para a cultura do país. Com o fim da República Velha, a radicalização política e ideológica vigente na Europa desde a Revolução Soviética repercute fortemente entre nós. A classe trabalhadora urbana amplia sua presença na cena social, em paralelo ao fortalecimento de uma consciência afrodescendente no país. Dá-se a fundação da Frente Negra Brasileira, mais tarde transformada em partido político. E a expansão da imprensa negra, já existente nas duas décadas anteriores, com dezenas de pequenos jornais voltados para os "homens de cor", mais fortemente em São Paulo e Rio de Janeiro, mas presente também em outros estados.

O segundo volume concentra um conjunto de 30 escritores de diferentes tendências, com publicações a partir da segunda metade do século XX. Na ficção, apresenta nomes conhecidos como Joel Rufino dos Santos, Muniz Sodré, Conceição Evaristo, Nei Lopes e Martinho da Vila, os dois últimos também com lugar destacado na música popular brasileira. A seu lado, são estudados prosadores de não menos talento, mas de menor circulação nacional, tais como Oswaldo de Camargo, Geni Guimarães, Francisco Maciel, Maria Helena Vargas e Eustáquio José Rodrigues. Contempla ainda o memorialismo angustiado de Francisca Souza da Silva, em sua perambulação pelas cozinhas, ruas e favelas brasileiras. E abarca



igualmente autores de obras infantojuvenis como Rogério Andrade Barbosa e o citado Joel Rufino dos Santos.

No campo da poesia, o segundo volume abriga tanto aquela que dialoga com a herança vanguardista e concretista – de que é exemplo Arnaldo Xavier –, quanto os versos incisivos de Adão Ventura, Paulo Colina, Oliveira Silveira, Domício Proença Filho, Conceição Evaristo e, ainda, Oswaldo de Camargo. Em grande medida, são autores cuja produção se distingue no panorama da literatura da segunda metade do século XX, e que já pode ser classificada como afro-brasileira, pois apresenta temas, linguagens e, sobretudo, pontos de vista marcados pelo pertencimento étnico e pelo propósito de construir um texto afro-identificado.

O terceiro volume – *Contemporaneidade* – compreende autores nascidos na segunda metade do século XX, com publicação a partir das últimas décadas. Há uma forte presença de autores revelados nos *Cadernos Negros*: Cuti, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa, Abílio Ferreira, Lia Vieira, Sônia Fátima da Conceição, Fausto Antônio, Ramatis Jacino, Abelardo Rodrigues. Há também nomes mais conhecidos em seus estados de origem, que mantêm presença discreta na série, a exemplo de Éle Semog, José Carlos Limeira e Jônatas Conceição. E, ainda, autores desvinculados do Quilombhoje, tais como os poetas Edimilson de Almeida Pereira, Salgado Maranhão e Ronald Augusto, além dos ficcionistas Adilson Vilaça, Paulo Lins, Luís Carlos de Santana, Cidinha da Silva e Ana Maria Gonçalves. Na prosa infantojuvenil estão presentes Júlio Emílio Braz, Rogério Andrade Barbosa e Heloisa Pires. Uma característica que se faz presente em quase todos é a utilização da mídia eletrônica como forma de estabelecer um contato mais direto com o público através de sites, blogs e redes sociais.

Examinando-se o conjunto, fica explícita a preponderância da poesia sobre a prosa, apesar de muitos trabalharem com ambas as formas de expressão. Este é um dado histórico, que remonta aos começos da escritura afro-brasileira e que cabe ao leitor analisar. Outro dado de relevo aponta para o crescimento da participação feminina, com um aumento em torno de 50% do primeiro para o segundo e terceiro volumes. Perante um cânone literário como o brasileiro, ocupado quase que exclusivamente por homens, esta não deixa de ser uma constatação auspiciosa. Já em termos de participação regional, há predominância de escritores do Sudeste, região mais populosa e mais desenvolvida economicamente. No entanto, fazem-se presentes nomes de todas as regiões do país, a exemplo do gaúcho Oliveira Silveira, ou do pernambucano Lepê Correia.

O quarto volume – *História, teoria, polêmica* – é composto de depoimentos e ensaios de escritores, bem como de críticos e historiadores de nossa literatura. Seu propósito é fornecer aos estudiosos não apenas dados historiográficos, mas também subsídios teóricos a respeito dessa discursividade etnicamente marcada. E contribuir na configuração da literatura negra ou afro-brasileira, refletindo sobre autoria, temática, ponto de vista, linguagem e constituição do universo recepcional. Como se trata de uma discussão em processo, nosso objetivo foi abrir espaço aos diversos posicionamentos, como forma de manter aceso o debate. Os depoimentos, colhidos em diferentes momentos da pesquisa, contêm revelações e impressões de autores como Abdias Nascimento e Oswaldo de Camargo, cuja produção remonta a meados do século XX, bem como de participantes de gerações posteriores, a exemplo de Conceição Evaristo, Cuti, Alzira Rufino, Edimilson de Almeida Pereira, Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. Apresentam ainda os posicionamentos de Zilá Bernd, uma das precursoras desses estudos na década de 1980.



Na seção de artigos, Octávio lanni tem resgatado seu antológico "Literatura e consciência", e Silviano Santiago reflete sobre as relações entre nacionalismo e cordialidade em nossa cultura; o poeta Arnaldo Xavier teoriza (e polemiza) sobre as configurações possíveis para a literatura dos afrodescendentes; Zahidé Muzart estuda os momentos iniciais da produção de Cruz e Sousa; Nazareth Fonseca, Leda Martins e o organizador desse trabalho cuidam de aspectos relevantes e distintos da escrita de autoria afro-brasileira; Marcos Antônio Alexandre analisa os principais grupos teatrais empenhados no resgate da presença afrodescendente em nosso país; e Regina Dalcastagnè apresenta os resultados da pesquisa que revela a presença ínfima de personagens negros no romance brasileiro contemporâneo.

Literatura e afrodescendência no Brasil reúne, pois, uma significativa amostra dessa produção, à qual se juntam informações sobre autores, publicações e fontes de consulta. Cumpre seu objetivo de antologia crítica ao abrir espaço para que profissionais dos estudos literários possam apresentar a trajetória dessa centena de autores, analisar o perfil de seus escritos e as opções estéticas adotadas por cada um. Traz ainda a memória, a teoria e a discussão da literatura nascida dessas vozes d'África presentes no Brasil. Vozes grafadas, enredadas em seres de papel e figuras de ficção, a nos lembrar a todo instante o mundo em que vivemos, hoje, e em que viveram, ontem, nossos antepassados. Vozes muitas vezes confinadas aos "porões da sociedade", como nos lembram os versos de Carlos de Assumpção. Mas que não se calaram. E que, quando necessário, souberam trazer para o papel a ginga do capoeirista sabedor de que a astúcia é arma poderosa no enfrentamento do poder. Conscientes de que a insinuação e a ironia podem valer tanto quanto a retórica mais inflamada, o repto, a denúncia. Entre Orfeu – deus grego da poesia e signo maior do labor com palavra poética no Ocidente - e Exu - orixá iorubano do encontro e da comunicação, porta-voz e intérprete de seu povo -, tais vozes souberam ser traduzidas em texto literário sem esquecer a indignação, a angústia, a ternura, o lirismo. Voltam muitas delas ao alcance do leitor contemporâneo depois de anos esquecidas e condenadas ao silêncio. Que possam habitar bibliotecas, salas de aula e outros espaços de discussão e aprendizado. E, sobretudo, penetrar nos corações e mentes daqueles que, desde sempre, foram a causa dos anseios de tantos que pegaram a palavra com as mãos para dela fazer o canto dos oprimidos.

Referências

AFOLABI, Niyi; BARBOSA, Márcio, RIBEIRO, Esmeralda (Org.). *A mente afro-brasileira/The Afro-Brazilian mind*. Trenton/Asmara: Africa World Press, 2007.

ALVES, Miriam. Brasilafro autorrevelado. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

ALVES, Miriam; CUTI; XAVIER, Arnaldo (Org.). *Criação crioula, nu elefante branco*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1986.

ALVES, Miriam; DURHAM, Carolyn (Org.). *Enfim nós/Finally us*: escritoras brasileiras contemporâneas. Colorado Springs: Three Continents Press, 1995.

ALVES, Miriam; LIMA, Maria Helena (Org.). *Women righting/Mulheres escre-vendo*: antologia bilíngue de escritoras afro-brasileiras contemporâneas. Londres: Mango Publishing, 2005.

APOLLINAIRE, Guillaume. À propos d'art nègre. Toulouse: Éditions Toguna, 2003. ARAUJO, Emanoel. *A mão afro-brasileira*. São Paulo: Tenenge, 1988. 2. ed. ampl. São Paulo: Museu Afro-Brasil, 2010.



AUGEL, Moema Parente (Org.). *Schwarze poesie/Poesia negra:* Afrobrasilianische Dichtung der Gegenwart. St. Gallen/Köln/São Paulo: Edition Diá, 1988.

AUGEL, Moema Parente. *Schwarze prosa/Prosa negra:* Afrobrasilianische Erzählungen der Gegenwart. St. Gallen/Köln/São Paulo: Edition Diá, 1993.

AUGEL, Moema Parente. E agora falamos nós: literatura feminina afro-brasileira. In: AFOLABI, Niyi; BARBOSA, Márcio, RIBEIRO, Esmeralda (Org.). *A mente afro-brasileira/The Afro-Brazilian mind*. Trenton/Asmara: Africa World Press, 2007.

AUGEL, Moema Parente. Os herdeiros de Zumbi: representação de Palmares e seus heróis na literatura afro-brasileira contemporânea. In: AFOLABI, Niyi; BARBOSA, Márcio, RIBEIRO, Esmeralda (Org.). *A mente afro-brasileira/The Afro-Brazilian mind*. Trenton/Asmara: Africa World Press, 2007.

AUGEL, Moema Parente. Geografias imaginárias: África na poesia afro-brasileira contemporânea. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos*: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

AUGEL, Moema Parente. Angústia, revolta, agressão e denúncia: a poesia negra de Oswaldo de Camargo e Cuti. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos*: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

AUGEL, Moema Parente. Revisão da herança colonial na literatura negra brasileira contemporânea. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro>.

BASTIDE, Roger. A poesia afro-brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 1943.

BASTIDE, Roger. Estudos afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BAQUAQUA, Mahommah Gardo. *Biografia e narrativa do ex-escravo brasileiro*. Tradução de Robert Krueger. Brasília: Editora UnB, 1997.

BARBOSA, L. M. A.; SILVA, P. B. G.; SILVÉRIO, V. R. (Org.). De preto a afrodescendente. São Carlos: Edufscar, 2003.

BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BERND, Zilá. Introdução à literatura negra. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BERND, Zilá (Org.). Poesia negra brasileira. Porto Alegre: AGE/IEL/IGEL, 1992.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BLOOM, Harold. *Gênio*: os cem autores mais criativos da história da literatura. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CAMARGO, Oswaldo de (Org.). *A razão da chama:* antologia de poetas negros brasileiros. São Paulo: Edições GRD, 1986.

CAMARGO, Oswaldo de. *O negro escrito*, seguido de "Pequena antologia temática". São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura-Imprensa Oficial, 1987.

COLINA, Paulo (Org.). *Axé*: antologia contemporânea da poesia negra brasileira. São Paulo: Global, 1982.



CONCEIÇÃO, Jônatas; BARBOSA, Lindinalva (Org.). *Quilombo de palavras*. 2. ed. Salvador: Edufba, 2000.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre a negritude*. Edição trilíngue, organização de Carlos Moore. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

CUTI. *A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CUTI. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. Identidades negras no romance brasileiro contemporâneo. In: ALMEIDA, Sandra; CURY, Maria Zilda; WALTY, Ivete (Org.). *Mobilidades culturais*: agentes e processos. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009.

DAMASCENO, Benedita Gouveia. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 1988.

DEGLER, Carl. *Neither Black nor White*: Slavery and Race Relations in Brazil and in the United States. New York: Macmillan, 1971.

DIVITT, Jane M. Mc. *From Anguish Affirmation, a Study of Afrobrazilian Poetry.* Harvard: Harvard University Press, 1976.

DOUGLASS, Frederick. *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave*. Ed. William L. Andrews and William S. McFeely. New York: W.W. Norton & Co., 1996.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura, política, identidades*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Machado de Assis afrodescendente*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

EQUIANO, Olaudah. *The Interesting Narrative and Other Writings*. Ed. Vincent Carretta. New York: Penguin Books, 1995.

EQUIANO, Olaudah. Sold as Slave. New York: Penguin Books, 2007.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas.* Tradução de Maria Adriana da Silva Caldas. Salvador: Livraria Fator, 1983.

FELISBERTO, Fernanda (Org.). *Terras de palavras*: contos. Rio de Janeiro: Pallas/Afirma, 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna (Org.). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza/PUC Minas, 2002.

FOURNY, Marciano Ventura. *Negrafias*: literatura e identidade. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2008.

FREYRE, Gilberto. Quilombo, Rio de Janeiro, n. 1, p. 8, dez. 1948.

FROBENIUS, Léo. *Que signifie pour nous l'Afrique?* Toulouse: Éditions Toguna, 1999.

GATES JR., Henry Louis. *The Trials of Phillis Wheatley*. New York: Basic Civitas Books, 2003.



GOMES, Heloisa Toller. O negro e o romantismo brasileiro. São Paulo: Atual, 1988.

GOMES, Heloisa Toller. *As marcas da escravidão*: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

GUEDES, Lino. Negro preto cor da noite. São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1936.

GUILLÉN, Nicolás. *Sôngoro cosongo e outros poemas*. Tradução de Thiago de Melo. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e modernidade no Brasil. Disponível em: www.fflch.usp.br/Intelectuais>. Acesso em: 19 fev. 2011.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. Da diáspora. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HUGHES, Langston. *My People*. Photographs by Charles R. Smith Jr. New York: Ginee Seo Books, 2009.

KENNEDY, James H. Bibliografia da literatura afro-brasileira contemporânea. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA, Conjunto Universitário Candido Mendes, n. 15, jun. 1988.

KESTELOOT, Lilyan. *Anthologie negro-africaine*: panorama critique des prosateurs, poetes et dramaturges noirs du XXe siècle. Verviers: Des Presses de Gérard & Co., 1967.

LIEBIG, Sueli Meira. *Dossiê black & branco*: literatura, racismo e opressão nos Estados Unidos e no Brasil. João Pessoa: Ideia, 2003.

LIEBIG, Sueli Meira. Raça, mito e resistência. João Pessoa: Edições Fotograf, 2010.

LOBO, Luiza. Crítica sem juízo. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

LOPES, Nei. Dicionário literário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

MARTINS, Leda Maria. A cena em sombras. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Escritoras negras*: resgatando a nossa história. Rio de Janeiro: CIEC-UFRJ, 1989. (Coleção Papéis Avulsos, n. 13).

OGUIAM, Edu Omo (Org.). *Capoeirando*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais/UFBA, 1982.

OLIVEIRA, Eduardo de. *Quem é quem na negritude brasileira*. São Paulo: Conselho Nacional Afro-Brasileiro; Brasília: Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, 1998.

OLIVEIRA, Emanuelle K. F. *Writing Identity*: The Politics of Contemporary Afro-Brazilian Literature. West Lafayette: Purdue University Press, 2008.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Malungos na escola*: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2007.

PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos*: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, 2010.



PRETO-RODAS, Richard A. Negritude as a Theme in the Poetry of Portuguese Speaking World. Gainesville: University of Florida Press, 1970.

PROENÇA FILHO, Domício. O negro e a literatura brasileira. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 49, n. 1/4, jan/dez. 1988.

QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de. *O preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1975.

CADERNOS NEGROS 1 a 33. São Paulo: Edição dos autores/Quilombhoje, 1978-2010.

QUILOMBHOJE (Org.). *Cadernos negros*: os melhores contos. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

QUILOMBHOJE (Org.). *Reflexões sobre a literatura afro-brasileira*. São Paulo: Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, 1985.

RABASSA, Gregory. *O negro na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 4. ed. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Org.). *Cadernos Negros*: três décadas. São Paulo: Quilombhoje; Brasília: SEPPIR, 2008.

RUFFATO, Luiz (Org.). *Questão de pele:* contos sobre preconceito racial. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Escritoras negras contemporâneas*: estudo de narrativas – Estados Unidos e Brasil. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SANTOS, Luiz Carlos dos; GALAS, Maria; TAVARES, Ulisses (Org.). *O negro em versos.* São Paulo: Salamandra, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. Orfeu negro. In: _____. *Reflexões sobre o racismo.* 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.

SAYERS, Raymond. *O negro na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

SAYERS, Raymond. *Onze estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1983.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas*: polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: Edusp/Iluminuras/Fapesp, 1995.

SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. Um sertão diferente. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. De Isabel a Euclides. Rio de Janeiro: Achiamé, 1986.

SILVA, Jônatas Conceição da. *Vozes quilombolas:* uma poética brasileira. Salvador: Edufba; YLÊ AIYÊ, 2004.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afrodescendência nos* Cadernos Negros *e* Jornal do MNU. Belo Horizonte: Autêntica. 2005.

SOUZA, Florentina da Silva; LIMA, Maria Nazaré (Org.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.



SOUZA, Lícia Soares de (Org.). *Dicionário de personagens afro-brasileiros*. Salvador: Quarteto, 2009.

SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

WEIS-BOMFIM, Patricia. *Afrobrasilianische literatur:* Geschichte, Konzepte, Autoren. Mettingen: Brasilienkunde-Verl., 2002.

WHITE, Steven (Org.). *Callaloo* – A Journal of African-American and African Arts and Letters, Charlottesville, University of Virginia/John Hopkins University Press, v. 20, n. 1, 1997.

WHITE, Steven. Reinventing a Sacred Past in Contemporary Afro-Brazilian Poetry. Introduction. *Callaloo* – A Journal of African-American and African Arts and Letters, Charlottesville, University of Virginia/ John Hopkins University Press, v. 20, n. 1, 1997.

WHITE, Steven. A reinvenção de um passado sagrado na poesia afro-brasileira contemporânea. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos – CEAA, jul. 1999.

-

^{**} Eduardo de Assis Duarte é professor da UFMG e autor de *Literatura, política, identidades* (UFMG, 2005). Organizou, entre outros, o volume *Machado de Assis afrodescendente*: escritos de caramujo. (2.ed. Pallas/Crisálida, 2007), a coleção *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica (2.ed. UFMG-SEPPIR, 2014, 4 vol.) e os livros didáticos *Literatura afro-brasileira, 100 autores do século XVIII ao XXI* (Pallas, 2014) e *Literatura afro-brasileira, abordagens na sala de aula* (Pallas, 2014). Coordena o Portal **Literafro**, disponível no endereço www.letras.ufmg.br/literafro.